

APRESENTAÇÃO: APOLLONIA, ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA ANTIGA

Desenterrar uma cidade das areias, remover a poeira dos séculos e trazer à luz do dia contemporâneo imagens históricas da vida, tal como vivida a muitos séculos atrás, durante muitas gerações. Encontrar as formas e os símbolos com que as culturas antigas conviviam, perceber o trabalho e a técnica por trás de cada artifício, decifrar escritas e construções e perceber o mito, a mente, o projeto, os afetos e atitudes – a vida e a morte de indivíduos e comunidades.

Perceber a lenta e constante transformação da natureza sob a ocupação humana, as idas e vindas de grupos, o fluxo dos bens, a economia local e mediterrânea, suas rotas, conexões viárias e portuárias, a conformação da paisagem física, social e cultural. A geomorfologia, as fontes, fronteiras, muralhas e sepultamentos.

Inquirir vestígios dispersos, velados sob a ocupação de muitos séculos e, especialmente, obliterados pelo manto concreto do progresso contemporâneo, sob alguns metros de entulho. Examinar o sentido de fragmentos (cerâmicos, metálicos, ósteos, líticos), recompor escritas e iconografias, ler o passado em vários idiomas e linguagens. Aproximar-se, escavar, identificar, resgatar, registrar, limpar, selecionar, conservar, publicar, interpretar. Reconstruir espaços a partir de ruínas, imaginar, sonhar: como teria sido? Como viveram, o que pensavam, o que faziam, que desastres houve, que sucessos e que poderes?

Observar a dinâmica da civilização, a ocupação do espaço, as linguagens, conflitos e valores, os critérios, princípios e planos que presidem a ocupação e o disciplinamento do espaço. Os traços de uma cultura, a lógica de uma civilização. Existe mesmo uma (ou várias) lógica(s) na civilização? Ou a lógica é mesmo um efeito da narrativa, produzida a partir de nosso condicionamento para narrar histórias com princípio, meio e fim?

História política, história religiosa, história cultural, arqueologia, iconologia, filologia, antropologia, genética, arquitetura, geologia... são muitos os caminhos que trilhamos para retomar o contato com o passado. Em cada caminho, vários métodos, conceitos, estratégias, soluções

que nos permitam estabelecer entendimentos sobre o passado – compreender a História, experiência vivida, em todas as suas dimensões. Mas a História, vetusta disciplina acadêmica, é certamente algo menos rico do que as histórias e, especialmente, do que a *historiê* helênica (= *enquete*). Ainda assim, o manto protetor e corporativo de uma disciplina não consegue sufocar o desejo de totalidade, a curiosidade que não mede limites. A História é uma não-ciência, inconformada, invasiva, erudita, interdisciplinar, experimental, especulativa.

No mundo grego, o desconforto que virou crítica, a inteligência que virou enquete, a pesquisa que virou método, a descrição que virou mimese, a ocupação diletante que virou carreira. Aos poucos, de Homero a Heráclito, de Tales a Heródoto, deste e de Hipócrates e Hipódamos a Tucídides, e deste a Aristóteles; passamos também por Políbio, Tito Lívio, Amiano Marcelino. A modernidade e a pós-modernidade, da renascença e do iluminismo a Paul Veyne, François Hartog e demais teóricos contemporâneos, quando procuram compreender ou definir a História, o fazem com lentes e espelhos voltados ao mundo clássico – ou aceitam abrir mão de uma riqueza fundamental, e reduzir horizontes. Assim, como legado da Antigüidade, restou-nos um ofício e com ele uma série de possibilidades e de problemas, inclusive a necessidade metodológica de reinstaurarmos a disciplina e seus impasses: existe História? Como ela opera? O que a diferencia das demais narrativas de memória?

Foi nutridos pelas curiosidades e motivações que historicamente constituíram a História e enfrentando suas questões de método que organizamos o presente volume especial da Revista Anos 90, reunindo artigos de História Antiga e Arqueologia Clássica, em uma publicação que documenta também boa parte dos resultados até agora obtidos no Projeto Apollonia. Arqueologia e História Antiga, juntas e solidárias, como pede a boa praxe contemporânea.

A primeira parte apresenta textos de pesquisadores importantes da América Latina e de Israel, que enfocam questões da prática em pesquisa e ensino de História Antiga, de várias maneiras relacionadas aos problemas conceituais do Projeto Apollonia. Saudamos especialmente as contribuições vindas de nossos vizinhos argentinos, acadêmicos muito distinguidos, como Cecília Ames (Universidad de Córdoba), Hugo Francisco Bauzá (Universidad de Buenos Aires) e Marcelo Campagno (Universidad de Buenos Aires), cujos artigos esclarecem de modo excelente as relações entre o antigo e o contemporâneo, os conceitos disciplinadores, a problemática sempre central do mito e sua interpre-

tação, a compreensão do mundo mediterrânico em solidariedade com seu referente egípcio. Especial destaque merece também o artigo de Jak Yakar, professor da Tel Aviv University, cuja presença muito nos enriqueceu, em seu estágio como professor visitante no PPG História da UFRGS entre setembro de 2001 e março de 2002, junto ao Núcleo de História Antiga. O texto ora publicado é o da conferência apresentada no IFCH-UFRGS em 27 de janeiro de 2002, e aborda a difícil problemática da interpretação das iconografias arcaicas, em civilizações proto-históricas. Em seu olhar, a riqueza criativa da interdisciplinaridade e informação arqueológica de primeira grandeza, virtudes que aparecem igualmente no artigo de Maria Beatriz Borba Florenzano, nossa diletta colaboradora no MAE-USP, em reflexões que dão ouvido e repostas inspiradoras às relações entre Arqueologia e História, Arqueologia e Ciências Humanas. No momento em que novas e horríveis ruínas se colocam entre nós e a cidade mesopotâmica antiga, nada melhor do que o artigo de nossa prezada colega, Kátia Maria Paim Pozzer, diretora do curso de História da ULBRA e colaboradora do Núcleo de História Antiga, firmando um olhar inteligente sobre o mundo mesopotâmico e um de seus principais produtos históricos, a cidade. Para completar este quadro, uma contribuição que muito nos honra, vinda de um dos mais notáveis historiadores brasileiros, Francisco Murari Pires (USP), cuja inteligência sofisticada o leitor poderá desfrutar lendo sobre os percursos, chaves e reverberações de Tucídides na historiografia contemporânea.

Os textos que compõem o Dossiê Apolônia, na segunda parte desta publicação, cumprem o objetivo de sistematizar parte dos resultados alcançados no Projeto Apollonia, que realizamos desde 1996, a partir de frutuoso convênio da UFRGS com a Tel Aviv University (Israel) e com a colaboração generosa e produtiva do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e do Programa de Pós Graduação em História da PUCRS. Precedendo os textos deste dossiê, uma apresentação específica descreverá o estado geral do projeto, suas matrizes conceituais, realizações e perspectivas. Os artigos selecionados visam a contextualizar o sítio, sua tradição de pesquisas e seu perfil histórico, nas várias ocupações ao longo dos séculos e nas problemáticas inspiradas pela realidade arqueológica e histórica. Assim, após a apresentação, temos o artigo do prezado colega Israel Roll (TAU-IL), coordenador geral das escavações em Apollonia, que descreve otimamente todo o histórico do sítio e das pesquisas a ele relacionadas. Segue-se artigo de Thiago Bonfada de Carvalho, acadêmico de História da UFRGS,

membro da equipe de nosso Núcleo de História Antiga, abordando a ocupação fenício-persa e helenística. No contexto helenístico, a pesquisa de Ilan Shachar concilia filologia, arqueologia e história, explorando a multiplicidade do nome Apollonia e seus significados. Raquel Rech, que ora conclui tese de doutorado sobre as *villae* romanas em Israel, explora o evento central da área que escavamos em Apollonia, uma *villa* marítima. Enfocando as transformações do Império Romano a partir de sua cristianização, Márcio Rogério da Costa Letona, também acadêmico de História da UFRGS e membro da equipe do Núcleo de História Antiga, enfoca a Apolônia bizantina, cujo colapso dá-se com a ocupação muçulmana, a partir de 700 d.C.. Edison Bisso Cruxen, que ora está a doutorar-se na Universidade de Coimbra (PT), traz-nos notícias relativas ao Castelo de Arsuf e seu contexto cultural e político. O dossiê encerra-se com o texto dos pesquisadores sênior associados a este projeto desde 1998, Carlos Roberto Galvão Sobrinho, atualmente professor na University of Wisconsin (EUA) e Maria Beatriz Borba Florenzano (MAE-USP), coordenadora adjunta do Projeto Apollonia. Produzido a partir de sua intervenção em Apolônia em 2000, o texto avança no estudo da paisagem do sítio arqueológico e propõe perspectivas de pesquisa promissoras, com o que este dossiê passa a cobrir passado, presente e futuro de Apolônia. Seguem-se bibliografias e anexos de imagens e cartografias.

Este é um projeto que se constrói como a boa prática de campo em Arqueologia, a partir do trabalho coletivo; no Projeto Apollonia cooperam vários pesquisadores e grupos de pesquisa, incluindo-se acadêmicos em iniciação científica, pós-graduandos e professores universitários, arqueólogos profissionais, fotógrafos, técnicos, filólogos e programadores visuais, concertando numerosos pesquisadores e instituições do Brasil e de Israel. É sempre um desafio gratificante estimular e conciliar todos estes interesses e potencialidades. Desafios, aliás, nunca faltaram neste projeto, fadado a superar as distâncias e a construir aproximações, levando jovens brasileiros à Ásia e trazendo, em sua bagagem, memórias vivas do Oriente antigo e contemporâneo, trazendo a cerâmica do Mediterrâneo antigo para as margens do Lago Guaíba, erguendo-se da penúria brasileira para encontrar moedas romanas em Israel, e sempre procurando fazer com que – meta suprema da História – passado e presente se encontrem e se construam destinos inteligentes.

Assim, esta publicação cumpre o dever da academia, de difundir amplamente seus resultados, e homenageia os numerosos indivíduos, grupos e instituições que têm, de variadas maneiras, acrescentado seus

valores na realização do Projeto Apollonia. Convidamos a todos, desde já, a aguardarem, após a leitura deste volume, a divulgação de nossos próximos resultados, em publicações e eventos.

FRANCISCO MARSHALL

Coordenador geral do Projeto Apollonia
Coordenador do Núcleo de História Antiga – IFCH-UFRGS
Organizador deste volume temático da Revista Anos 90